



FÁBIO YABU



Princesas do Mar

A BALADA DA PRINCESA ESQUECIDA



Copyright texto e ilustrações © 2009 Fábio Yabu

Diretor editorial Marcelo Duarte
Coordenadora editorial Tatiana Fulas
Assistente editorial Karina Danza
Projeto gráfico Luciana Steckel
Ana Miadaira
Diagramação Carol Melo
Jana Táhira
Consultoria editorial Carmen Lucia Campos
Revisão Juliana da Costa
Alessandra Miranda de Sá
Ana Maria Barbosa

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Y11b

Yabu, Fábio, 1979-

A balada da Princesa Esquecida / Fábio Yabu. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2009.

il. – (Princesas do Mar)

1. Literatura infanto-juvenil. I. Título. II. Série.

08-3741.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2009

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41 – 05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 2628-1323

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

SUMÁRIO

O Mundo de Salácia	7
1. Uma carta misteriosa	11
2. A balada da Princesa Esquecida	17
3. Um rei diferente	23
4. Uma estranha visitante	29
5. A espia	35
6. A vida de Maya	43
7. Visita à biblioteca	49
8. A discussão	57
9. A princesa revelada	65
10. Em busca de Maya	73
11. O plano de Espinho	79
12. A vitória de Espinho	87
13. Uma nova balada	93
O autor	96



O MUNDO DE SALÁCIA

Desde que aprenderam a se comunicar, antes mesmo de descobrirem as palavras, os homens de Terra Firme sabem da importância de se contar histórias. Tudo começou com algumas bem simples, que explicavam aquilo que eles não entendiam sobre o sol, a terra e o mar. Histórias que passaram de geração em geração, contadas e recontadas inúmeras vezes, foram modificadas pelo tempo, moldaram vidas e países, definiram épocas, tornaram-se lendas.

Uma dessas histórias falava da Deusa chamada Salácia. A bondosa guardiã dos mares cuidou de toda a vida marinha por milênios, protegendo e ajudando não só seus habitantes, como também o povo-irmão de Terra Firme, com quem viveu em harmonia por muitos anos.

Porém um dia as coisas mudaram. O equilíbrio foi quebrado e o povo de Terra Firme passou a explorar indiscriminadamente o Mundo de Salácia. Peixes foram mortos, espécies foram extintas, corais foram devastados. A situação ficou tão grave que ameaçou a sobrevivência de ambos os povos. Para proteger seus filhos e seu mundo, a Deusa o separou em diversos reinos, como o dos polvos,





dos tubarões e das estrelas-do-mar. Para cada um deles, ela elegeu um rei e uma rainha, que se tornaram os responsáveis pela sua proteção.

O tempo passou, e as famílias reais de Salácia foram abençoadas com a chegada de lindas crianças. Príncipes e princesas como Polvina, Estér e Tubarina, que são as alunas mais notórias da professora Márcia – não pelas boas notas, mas pela incrível capacidade de se meterem em encrencas. As aventuras que viveram logo se tornariam histórias, como aquela em que salvaram um tubarão em perigo, ou a outra em que a água foi tomada por uma enorme sombra, ou ainda aquela em que elas encontraram as cartas de uma menina chamada Vento. Aventuras incríveis, histórias fantásticas, que seriam contadas por muitos e muitos anos no Mundo de Salácia – e talvez até mesmo em Terra Firme.

Essa é mais uma dessas histórias. Porém, por pouco ela não chegou às suas mãos. Um perigoso vilão, que sabe o poder que as histórias têm, tentou impedir que esta fosse contada. Ela fala sobre coragem, amizade verdadeira e perseverança, mas absolutamente ninguém parecia se lembrar dela, ou de sua protagonista... uma misteriosa princesa esquecida cujo destino é salvar o mundo.

1. Uma carta misteriosa





Já fazia alguns dias que Polvina não dormia direito.

Quando era mais nova, a Princesa dos Polvos costumava ter pesadelos, alguns bem ruins, mas eles se tornaram menos frequentes com o passar do tempo. O pai dela também costumava dizer que ela era sonâmbula e que tinha mania de andar pela casa durante a noite. Só que ela não se lembrava de fazer nada daquilo.

Naquelas últimas semanas que antecediam o final do ano e as férias escolares, Polvina não teve pesadelos e, até onde sabia, não perambulou pela casa com as mãos na frente do corpo. Mas, ainda assim, algo estava atrapalhando seu sono. Todos os dias ela acordava com uma sensação esquisita, como se estivesse faltando alguma coisa. Alguma coisa importante.

Não foi diferente naquela manhã. Ela abriu os olhos e viu o teto cor-de-rosa do seu quarto, que já estava todo iluminado pela luz que entrava através da janela. Sentiu o cobertor quente por cima do seu corpo, o colchão macio embaixo de si, e tentou não pensar em nada. Ficou olhando para o teto um bom tempo, procurando lembrar dos seus sonhos, tentando entender por



que aquele incômodo não passava. Foi então que ouviu alguém batendo gentilmente à porta do seu quarto:

– Bom dia, princesa! – disse seu pai, o Rei Polvo. – Hora de acordar!

– Já vou, pai!

Ela se levantou prontamente e foi até o banheiro. Olhou para o espelho e viu seu cabelo desarrumado. A dúvida permanecia: o que era aquela sensação? Teria ela esquecido algo importante? Talvez o aniversário de alguém da família? Difícil, ela nunca esquecia aniversários de familiares. Das amigas talvez? Não. Tubarina fazia em abril; Estér, em setembro.

Ela escovou os dentes, tomou um banho rápido e, com aquela dúvida na cabeça, foi até a cozinha, onde os pais a esperavam.

– Bom dia, pai, mãe – ela abraçou o rei e a rainha, que já estavam elegantemente vestidos.

– Bom dia, princesa! – responderam. Aquela era uma ocasião rara: muitas vezes um dos dois estava fora do reino em reuniões importantes. Polvina ficou feliz por tomar café da manhã com a família.

– Que cara é essa, filhota? – perguntou o rei.

– Nada não, papai. Só estou com sono.

– Toma esse suquinho que eu fiz pra você! – disse a rainha. – Vai te deixar mais animada!

Durante todo o desjejum, ela permaneceu quieta, pensativa, enquanto seus pais conversavam sobre algum assunto de trabalho. Parecia que um dos reis de Salácia estava causando polêmica em seu governo:

– Esse rei tem causado muitos problemas, não? – perguntou o pai, enquanto folheava o jornal do dia.

– Sim. Pelo visto, hoje teremos que ir até o reino...

A Rainha Polvo foi interrompida por frenéticas batidas à porta, que só não eram mais altas que a voz estridente que berrou:

– BOM DIA, PESSOAL! Polvina, vamos, estamos atrasadas, para variar! – gritava Estér, a Princesa das Estrelas-do-Mar, do lado de fora do castelo. Ela e Polvina iam à escola juntas todos os dias, desde o começo daquele ano letivo, que já estava chegando ao fim.

– Hummm, já? – disse Polvina, enquanto enfiava uma torrada na boca e colocava a mochila em formato de polvo nas costas. – Tchau, mãe! Tchau, pai! –





ela deu um beijinho em cada um, meio melado por causa da geleia, e correu para a porta.

– Não se esqueça do seu lanche! – disse a rainha, que já havia preparado tudo ao acordar.

Polvina voltou para pegar a lancheira e saiu correndo.

– Obrigada! Peraí, Estér!

O rei e a rainha sorriram orgulhosos ao ver a filha saindo correndo para a escola.

– Ela cresceu tanto em um ano, não é? – comentou o pai.

– Logo nossa princesa não precisará mais de nós! – disse a mãe. – Bom, vamos nos preparar, querido! Temos um longo dia pela frente. Só de pensar na reunião que teremos daqui a pouco já me sinto mal.

– Eu também, querida. Eu também. Vou mandar preparar a nossa carruagem.

Alheia à preocupação dos pais, Polvina entrou no carro de Estér. O Rei Estrela-do-Mar as levaria para a escola naquele dia. No caminho, Polvina permaneceu quieta. Mas era muito difícil manter a concentração com Estér por perto, pois ela adorava conversar:

– Então, Polvina? Viu a novela ontem? Ai, eu adorei. O beijo foi tão romântico! Mas será que vão pegar o vilão? Ah, você não gosta de novela, né? Então, e aí, fez a lição de casa? Rá, nem sei por que eu pergunto, você sempre faz. Sabe o que eu comi hoje de manhã? Bolo de chocolate! Estava bom, viu! Não tava doce demais, como o da semana passada. Doce demais fica enjoativo. Acho que comentei com você e...

Polvina apenas sorria e concordava com a cabeça, enquanto Estér balançava os braços, respondia às próprias perguntas e ria sozinha das próprias piadas. Ela só parou de falar quando elas chegaram no castelo de Tubarina, a Princesa dos Tubarões. Que, como sempre, não estava de muito bom humor e já chegou resmungando:

– Posso saber por que demoraram tanto? Não aguento mais me atrasar por causa de vocês! Eu vou falar para a professora Márcia!



– Ai, Tubarina, não precisa ser grossa! – disse Estér. – Eu demorei um pouco no banho e...

– Eu também acordei tarde, Tubarina. Desculpe – disse Polvina, tentando acalmar os ânimos da amiga.

– Quando a gente vai com o meu pai, a gente nunca se atrasa! – Tubarina cortou. Ao volante, o Rei Estrela-do-Mar fingiu que não ouviu o desaforo.

– Ei, Tubarina, olha o respeito com o meu pai!

– Então fala pra ele não se atrasar mais!

O Rei Estrela-do-Mar acabou rindo e se desculpou com Tubarina:

– Me perdoe, Tubarina! Mas não se preocupe, tenho certeza que vocês chegarão antes da professora Márcia. Eu já a vi brava algumas vezes e, se depender de mim, vocês não verão isso tão cedo! – E acelerou o carro, para alegria de Estér, que gritou “Iupiiii! Acelera, papi!”.

Já Polvina não estava nem aí. Ela observava tranquilamente o lindo caminho para a escola. Por mais que o visse todos os dias, cada dia trazia algo de novo. Os corais se mexiam, mudavam de cor e forma, os peixes coloriam o horizonte e até a areia dançava quando uma arraia ou um linguado resolvia se esconder. O fundo do mar é uma grande tela que nunca acaba de ser pintada.

Às vezes, ela pensava nas outras meninas. Não princesas como ela, Estér ou Tubarina, que frequentavam uma escola especial, somente para os filhos da realeza. Mas nas meninas de vida comum, filhas de engenheiros, médicos, soldados ou artistas do Mundo de Salácia. Será que a escola delas era muito diferente? Por um momento, ela se sentiu um pouco mal por não ter amigas fora da escola. Mas isso também tinha uma explicação, pensou. Até bem pouco tempo, ela mal saía de casa e tinha aulas somente com tutores. É que ela morria de medo de sair e encontrar um tubarão por aí. Isso só mudou depois que ela conheceu Tubarina.

Graças à amiga, passou a respeitar e admirar os tubarões, injustamente tachados como vilões do mar. Chegou a manter amizade com alguns durante aquele ano, e, por conta disso, havia feito um desenho para entregar na aula de artes.

– Quer ver meu desenho, Tubarina?

– Aquele dos tubarões? Claro!

Polvina abriu sua mochila para pegar o desenho. Procurou dentro do

